

José Eduardo Agualusa

Passageiros em Trânsito

Novos contos para viajar



QUETZAL Obras de José Eduardo Agualusa

UM CICLISTA

*Para Rui Duarte de Carvalho,
que encontrou um ciclista no deserto*

O PASSADO É COMO O MAR: NUNCA SOSSEGA. As casas encolhem, como os velhos, ao passo que as árvores crescem sem parar. Quando regressamos, decorridos muitos anos, aos lugares da nossa infância encontramos árvores gigantescas e sufocando de terror à sombra delas as casas minúsculas que um dia foram nossas. Mal reconhecemos a cama de bonecas em que dormimos quando éramos crianças, ou o quintal, que sempre julgámos ser imenso, e que tem, afinal, apenas dois palmos de fundo.

O meu pai dizia-me: «A vida é uma corrida, meu filho. Quem olha para trás enquanto corre arrisca-se a tropeçar.»

Eu não olho para trás. Avanço por vezes de olhos fechados, e tropeço, como os outros, e eventualmente caio, mas não olho para trás. Nunca fui pessoa de cultivar saudades. Não coleciono álbuns de fotografias, e jamais guardei pétalas secas entre as páginas de velhos livros. Sigo sempre em frente. Quando me perguntam para onde vou encolho os ombros. Rio-me: «Adiante.»

O mundo é infinito para quem viaja a pé. Eu viajo a pé, à boleia de algum camião, ou de bicicleta. Andando de camião, ou de bicicleta, o mundo parece um pouquinho

menor, mas ainda assim, digo-lhe, meu bom amigo, é uma imensidão. Não tenho muitos estudos. Aprendi a ler e a contar, pouco mais. Raramente leio o que quer que seja. Quando encontro algum jornal lanço uma vista de olhos à página da necrologia. Como não conheço ninguém, como ninguém espera por mim em parte alguma, choro pelos desconhecidos, aqueles que me parecem mais simpáticos, vou pelo semblante, entende?, isto se a fotografia do defunto estiver bem impressa, ou então pelo nome. Há sempre algum José por quem chorar. Não choro de pena. Choro apenas para praticar. Enquanto viajo conto os quilómetros para eludir o tédio. Desconheço o que me espera quando cruzo uma fronteira. Impus a mim mesmo uma condição: não passar duas vezes pela mesma estrada. Cheguei há uma semana do Huambo. O senhor conhece?... Nasceu lá?! Extraordinária coincidência, sim, extraordinária coincidência, é que eu também nasci numa cidade chamada Huambo, mas muito longe deste país, nas montanhas do Peru. Tinha uma leprosaria que o Che Guevara visitou. Não há lugares repetidos. Só os nomes se repetem. Quer saber como faço para sobreviver? Estou atento. Há poucos dias um camponês disse-me apontando em redor: «Tudo o que não é mato engorda.»

Concordo. Veja bem: as mangas. Durante um mês, enquanto atravessei o Congo, comi apenas mangas. Só o perfume das mangas, se forem doces, já alimenta. Isso, ou um canavial a arder. Goiabas maduras. Também se pode sobreviver muito tempo comendo unicamente milho ou feijão. Um homem em andamento não morre de fome. Entrei em Angola, pedalando esta bicicleta. Não sabia que o país estava em guerra. É como lhe disse, acredite em mim, não leio os jornais, e quando leio passo por alto a política. A política não

me interessa. Vim descendo uma estrada imensa. Estranhei não haver um carro. Ninguém naquela estrada. Quando cheguei a Luanda disseram-me que a estrada estava minada, que há anos não passava ninguém por ali, e quiseram saber como é que eu conseguira evitar as minas. Encheram-me de perguntas. Respondi-lhes: sobrevivi porque não sabia que havia minas. Se soubesse não teria conseguido. A sorte protege os arganazes. É um provérbio lá da minha terra. Ou podia ser. Em determinada altura, numa longa descida, vi que havia soldados agachados em ambas as margens da estrada. Quando dei por eles já era demasiado tarde para parar. Não parei. Cumprimentei-os, «bons dias, bons dias», e continuei. Ficaram ali, de olhos muito abertos, a verem-me passar. Fui depois de Luanda até Benguela e de Benguela ao Lubango. A seguir desci a serra e entrei no deserto. Na primeira noite dei com um acampamento de pastores. Ofereceram-me leite azedo. Na tarde seguinte parou um jipe à minha frente. Um branco e um preto. Ficaram muito admirados por verem um tipo assim como eu, meio índio, tão longe de tudo. Também eles me deram água. Trouxeram-me no jipe até aqui, a esta cidade do Namibe. Acontece chegar a uma cidade e achar que é agradável e então deixo-me estar um mês ou dois, procuro trabalho, engordo, e sempre ganho algum dinheiro para gastar no caminho. Lavo pratos, esfrego o chão, e além disso sou um bom cozinheiro. Quando sinto que me começo a afeiçoar a um lugar despeço-me e vou-me embora. Quem não ama não sofre. Quem nada tem, não tem nada a perder. É o que penso. Um dia adormeci no topo de um enorme despenhadeiro. Acordei com a primeira luz. A manhã pousou-me no ombro, como um pássaro, e ali ficou. Diante de mim

havia o mar. Atrás de mim o céu profundo, altas montanhas. Era um lugar sem exemplo, arredado do mundo, como um elefante velho que se perdeu da manada. Até àquele instante eu viajava sem saber porquê. E então, sentado sobre o abismo, ocorreu-me pela primeira vez essa questão. «O que faço aqui?» Pensei em voltar para trás. Porém, tinha caminhado demais, e já tanto fazia recuar como avançar. Continuei em frente. Hoje viajo para saber porquê. Desaponta-o, talvez, este final — esperava outro? Se tivesse ficado lá atrás, nas montanhas do Peru, onde nasci, venderia botões, como o meu pai. Teria algo a perder, família e dinheiro, por certo sofreria mais. Quanto ao resto não sei se seria, em substância, muito diverso do que sou. Ignoraria certas coisas, sim, o senhor tem razão, mas não me prejudicaria tal ignorância, pois nem sequer daria por ela. Talvez um dia eu pare. Talvez não.

K 40



ESTA É A ESTÓRIA DE PEDRO PAULO DE NORONHA, mais conhecido pelo seu nome de guerra, K 40, o melhor atirador angolano. Um homem que até errando nunca deixou de acertar no alvo.

Vi-o uma única vez, rapidamente, numa ocasião em que, com um amigo, procurava uma praia, não muito longe da foz do Quanza. Foi numa tarde de sábado, seria fevereiro, talvez março. Tínhamos conseguido libertar-nos do trânsito quando o céu se abriu num súbito aguaceiro. Lembro-me, instantes depois, do fulgor húmido do sol a deslizar sobre o asfalto. Leandro, o meu amigo, apontou para uma placa, em madeira, fincada no lado esquerdo da estrada: «Fazenda Depois-do-Fim.»

— É a fazenda do Pedro Paulo de Noronha, conheces? Creio que temos de atravessar uma boa parte dela para alcançar a praia.

Parou o jipe, e eu saltei e ergui a cancela. Avançámos depois, lentamente, através de uma pequena estrada, em terra batida, aberta a custo entre o mato denso. Havia catos, altos castiçais, e, ao longe, imbondeiros dispersos.

— Quem é o homem?

Leandro sorriu:

— A pergunta correta seria: quem foi o homem?

Pedro Paulo de Noronha estava sentado, na companhia da mulher e do filho, diante de uma mesa ampla, sob um alpendre coberto por chapas de zinco. Limpou os lábios, sem pressa, a um guardanapo de papel e só então se levantou para nos cumprimentar. Era um sujeito seco, elástico, de músculos bem desenhados sob a pele queimada. Os olhos luminosos, mas esquivos, evitaram os meus. Apertou, sem calor, a mão de Leandro. A mim, apenas me acenou com a cabeça. De um tacho largo, pousado no meio da mesa, ascendia um perfume vivo, alegre, a óleo de palma. Muamba de galinha. Havia um prato com funje de bombó e outro com funje de milho. Uma tigela, cheia de água, com uma colher de sopa. Senti fome. Pedro Paulo de Noronha, porém, não nos convidou. Respondeu às perguntas do meu amigo com frases curtas. A voz era fria, ou nem isso, apenas alheia:

— Seguem em frente. Dão com um jango. Depois viram à direita, por um caminho de areia solta, com cuidado para o jipe não atolar. Dali já se vê a praia. — Voltou a sentar-se. — Se o jipe atolar mando alguém com um trator.

A mulher sorriu-me. Devia ter sido muito bonita. Ainda era bonita, com a nobreza melancólica de uma rainha exilada. O rapaz estava em tronco nu. Herdara os olhos sonhadores da mãe e o perfil afiado do pai, além do desdém. Despedimo-nos e entrámos no jipe.

— Pedro Paulo de Noronha. O nome não te diz nada?!

Não, não me dizia nada. Leandro parou o jipe.

A praia não era particularmente bonita. Uma fileira de coqueiros tristes, batidos pelo vento. Areia turva, com muitas

folhas e pedaços de troncos. O mar, escuro, pesado, lembrava um animal nervoso, preso numa jaula, atirando, a espaços, uma patada às grades.

— Dizem que às vezes aparecem crocodilos...

— Como?!

— Crocodilos. Não sabes o que são crocodilos?! O rio, meu parente, o Quanza desagua a poucos quilómetros daqui. Os crocodilos são arrastados. Alguns conseguem regressar. Outros dão à costa. Parece que resistem bastante tempo na água salgada.

Não havia ninguém na praia. Leandro despiu a camisa. Despiu as calças e as cuecas. Vestiu um calção estampado com tucanos e palmeiras, verde e rosa. Sentou-se na areia. Os olhos fixos lá longe, no mar revolto.

— Pedro Paulo de Noronha, o campeão de tiro ao alvo. Uma medalha de prata em Seul. Também lhe chamavam o K 40. Agora já te lembras?

O K 40! Lembrava-me do episódio. Em 1975, poucos meses antes da independência, um jovem comandante do MPLA derrubou a soco um oficial português. Foi numa boate frequentada pela burguesia colonial, no Huambo, na sequência de uma desavença estúpida. Uma bela mulata. Muita cerveja. O oficial saiu, furioso, a prometer vingança, e, com efeito, regressou, pouco depois, à frente de um numeroso grupo de soldados. Alguém correu a informar o comandante: «Estão lá fora uns quarenta magalas. Vão-te matar.» O tipo nem vacilou. Endireitou-se, puxou de uma faca de mato, e, abrindo a porta, enfrentou a soldadesca: «Podem vir», gritou. «Capo os quarenta!»

Saíram as mulheres, aos gritos. Juntou-se mais gente. A noite terminou em beleza, horas depois, entre abraços e

brindes, gargalhadas, cerveja a rodos, vivas a Angola e a Portugal. Pedro Paulo de Noronha saiu dali com a mulata, a honra intacta e aquele curioso nome de guerra — K 40. Voltou-se a ouvir falar dele apenas nas Olimpíadas de Seul. K 40, já com as estrelas de general, regressou a Luanda como um herói. Condecorações. Discursos. Festas e marchas. Pouco depois, porém, aconteceu-lhe uma desgraça qualquer e ele voltou a desaparecer.

— Prenderam-no, não foi?

— Afirmativo.

— O que fez ele?

Leandro encolheu os ombros. Diz-se que insultou o ministro da Defesa, diante de vários oficiais, durante uma discussão sobre a compra de material de guerra. Foi acusado de insubordinação. Também o acusaram de arrogância racista, de comportamento antipatriótico e de ter saudades da época colonial. K 40 passou três anos numa prisão militar. Saiu de lá feito um farrapo. Bebia muito. Deixou crescer a barba. Não falava com ninguém. Salvou-o a gravidez da mulher. No dia em que o menino nasceu jurou abandonar a bebida. Voltou a sonhar. Com o auxílio de um grupo de oficiais, seus antigos colegas, comprou um grande terreno, próximo à foz do Quanza, e assim nasceu a Fazenda Depois-do-Fim.

Leandro suspirou:

— O tipo nunca mais pegara numa arma, mas para muita gente era ainda um dos melhores atiradores do mundo, o homem que tinha conseguido uma medalha de prata nas Olimpíadas de Seul. Isso é que o lixou, coitado, o raio da fama.

Uma manhã, muito cedo, um grupo de sete homens armados entrou na fazenda. O chefe do grupo era um sujeito

baixo, largo de ombros, de olhos incendiados e gestos bruscos, que contrastavam com o seu jeito de falar, num português manso, tão suave e lustroso que parecia ter sido roubado momentos antes a um seminarista. Vestia umas calças pretas, de cós muito alto, e uma camisa, imaculadamente branca, presa por dentro das calças. Postou-se com uma larga vênica diante de Pedro Paulo de Noronha: «General, peço-lhe que aceite por obséquio as respeitosas saudações deste seu admirador, Severino Boa Morte.»

Sem mais delongas, explicou ao que vinha: «Pediram-me que executasse um trabalho difícil. Executar é o termo correto. No caso, um homem. Não tenho nada de pessoal contra ele. Mal o conheço. Negócios, o senhor compreende?, nestes tempos ferozes em que vivemos quem tem unhas, esfola, não toca guitarra. O indivíduo a executar, digamos pois, o executando, reside nesta nossa cidade capital, num bom apartamento, e passa as tardes sentado no seu escritório, de frente para a janela, a escrever num computador. Estudámos demoradamente a rotina do sujeito. O executando, um jornalista de algum mérito, mas isso não vem ao caso, trabalha por regra entre as quinze e as dezoito horas, após o que acende a luz e desce os estores. Achámos um prédio em construção, muito alto, a alguns quarteirões do apartamento, sendo que do topo do referido edifício se tem uma vista perfeita do escritório do executando. Conseguimos também uma arma excelente, esta bela Dragunov, novinha em folha. Falta-nos apenas um bom atirador. Foi então que me lembrei do senhor, general, o senhor é a pessoa certa para levar a cabo um serviço tão delicado. Tem de ser ao primeiro tiro, o senhor compreende?, um tiro certo, no meio dos olhos, de maneira que nem o indivíduo sofra nem nós

nos arrisquemos a que ele escape. Um único tiro, puzzz!, e assunto encerrado. Naturalmente, pagamos muito bem...»

K 40 levantou-se de um salto. Encostou a palma da mão direita à garganta de Boa Morte. A voz tremia de fúria: «Sou um militar, ouviu?!, não sou um assassino. Não vou fazer isso!»

«Vai sim.» Severino Boa Morte não moveu um músculo. A voz saiu-lhe ainda mais doce. «O senhor general vem comigo. Os meus homens ficam aqui. Se não fizer o serviço, se não o fizer bem feito, a sua família morre. Sinto muito. São as regras do jogo.»

K 40 voltou a sentar-se. Estava lívido:

«Não faço isso!»

Severino Boa Morte sentou-se também. Respirou fundo. Parecia a ponto de explodir: «Porra, mais-velho! Preciso de lhe dizer que não tem escolha?...»

Durante uns bons cinco minutos ninguém se moveu. Boa Morte sentado defronte de Pedro Paulo de Noronha, olhos nos olhos, e ao redor de ambos, em pé, os homens armados. Ao fundo, sentada num largo sofá de couro, a mulher, muito direita, com o menino no colo. Por fim, Severino Boa Morte quebrou o silêncio: «Muito bem», disse, «você gosta de apostas? Eu gosto de apostas. Proponho-lhe uma. O senhor general deve ter lido, como eu li, quando era menino, a estória de Guilherme Tell. Dou-lhe agora esta arma, com uma única bala. Colocamos o seu filho lá fora, a uns cento e cinquenta metros de distância, com uma maçã na cabeça. Você acerta na maçã e eu vou-me embora, levo os meus homens, e ninguém se magoa. Você falha e eu mato-o a si e à sua família. Você recusa e é a mesma coisa.»

«Nunca ouvi proposta mais estúpida!», soprou Pedro Paulo de Noronha. «Além disso não tenho maçãs...»

«Tem limões. Podemos fazer isso com limões...»

«Disparate! O menino não conseguiria equilibrar um limão na cabeça...»

«Certo. Então uma laranja. As laranjas são até maiores do que as maçãs, e, além disso, vêm-se muito melhor. Uma laranja é um alvo perfeito.»

Saíram todos. Escolheram uma parede branca, de um pequeno armazém de ferramentas, a uma distância considerável da casa, mas bem visível da varanda desta. Voltaram em silêncio. A mulher ergueu o menino nos braços e entregou-o ao marido: «Aconteça o que acontecer, eu não te perdo.»

Severino Boa Morte acompanhou o menino até ao armazém de ferramentas, encostou-o à parede, e depois colocou-lhe sobre a cabeça uma laranja de bom tamanho.

«Não te mexas», disse-lhe. «Podes confiar no teu pai. Ele é um grande herói...»

Ficou ao lado do rapaz, uns três metros à direita, com a pistola na mão, para o caso de ter de o ajudar a morrer. Estava muito sério. Os outros homens rodearam Pedro Paulo de Noronha. Um deles carregou a Dragunov. Estendeu-a, com uma ligeira vénia, ao general: «Boa sorte, cota!»

Pedro Paulo de Noronha sopesou a arma. Segurando-a com a mão esquerda ergueu a direita no ar, calculando a humidade, a direção e a força do vento. Levou a arma ao rosto, apontou à laranja, e então, num gesto brusco, desviou-a na direção de Severino Boa Morte e disparou. A bala cortou a orelha direita de Severino, ricocheteou na parede e atravessou a laranja. Houve um breve instante de assombro. Um dos homens gritou: «Caramba! E de tabela!...»

Um segundo baixou a arma e aplaudiu entusiasmado. Os outros imitaram-no. O menino limpou o rosto, molhado

de sumo, e começou a chorar. A mãe correu para ele. Severino Boa Morte veio andando devagar na direção de Pedro Paulo de Noronha. O sangue jorrava da orelha aberta, num fio espesso, colorindo de vermelho a pele muito negra e o fulgor da camisa. Puxou o general pelo braço e soprou-lhe ao ouvido: «Acho que você falhou, meu general, mas Deus acertou por si.» Suspirou. «Quem sou eu para contrariar os desígnios de Deus?»

Leandro terminou de me contar o episódio. Levantou-se. Agarrou na prancha, colocou-a junto ao peito e lançou-se ao mar. Eu fiquei onde estava. Abri a mochila, escolhi uma sande de carne assada e comi-a com gosto. Fiquei a ver Leandro a brincar com as ondas. Ele era um bom contador de estórias. Mudava de voz, e de postura, de cada vez que uma das personagens entrava em cena. Quem lhe teria contado aquilo? Quando regressou, sacudindo a água do cabelo, fiz-lhe a pergunta:

— Como sabes essa estória? Quero dizer, assim, com tantos pormenores...

O meu amigo olhou-me de frente:

— O que é que tu achas, meu parente? Eu estava lá!